

## YEMANJÁ

Arnaldo Rocha Filho<sup>1</sup>  
*rochagusa@hotmail.com*

O céu amanheceu azul sobre o azul do mar da Bahia. Caminhei pela orla, de Ondina ao Rio Vermelho, envolto numa aura branca e azul de misticismo e alegria. A orla estava colorida de fé e pessoas, e o tempo fechou e abriu, choveu em alguns pontos, menos no Rio Vermelho sob o céu azul da Bahia em frente ao mar azul de Salvador. Eram 2 de fevereiro e eu caminhava pela orla da cidade de bermuda jeans, camiseta e sandálias brancas, levando comigo a máquina fotográfica e a mais genuína felicidade. Era dia de Yemanjá. Festa de Yemanjá, Rainha da Águas.

Dona Janáina, Princesa de Aioká, Dandalunda, Ynaê, em iorubá “yèyé omo ejá”, mãe cujos filhos são peixes, da nação de Egbá, do Rio Ògùn, deusa fluvial, filha de Olokun. Mas Yemanjá é baiana, de Caymmi e Jorge Amado, das areias do Rio Vermelho, de Betânia e Caetano, dos negros e pescadores, dos axés e afoxés, de Gal e Carlinhos Brown, dos pentes e perfumes, de Gil e João Gilberto, dos saveiros e dos barcos, de Carybé e Wally Salomão, dos sabonetes e alfazemas, do mar e do marido Oxalá, até de Gregório de Matos e Castro Alves. Yemanjá é baiana, dos terreiros e cultos, é mãe e filha da Bahia, dos babalorixás e ialorixás, das dagãs, dos ogãs, dos obás, de Glauber Rocha e Mãe Menininha do Gantois, dos ebós, dos atabaques, dos agogôs, de Mestre Pastinha e Dona Canô, dos presentes e oferendas, de Mário Cravo e Rosa Passos, do povo todo da Bahia. Yemanjá é baiana, das filhas e filhos de santo, do candomblé e da umbanda, dos abebés, de Capinam e alufá Licutã, das cores, dos anjos, das sortes, de Pedro Kilkerry e Pedro Archanjo, dos orixás, de Oxóssi, Xangô, Oxum, Yansã, Oxumarê, Omolu, Logun Edé. Nem Exu pode com ela. É a mãe dos orixás. Yemanjá é baiana.

Cheguei na Praia da Paciência no Rio Vermelho, no pórtico da Festa de Yemanjá, na mágica manhã azul, e as pessoas todas eram vida e vida era a Bahia naquela branca manhã de Yemanjá, em todo o sorriso estampado nas faces negras, porque todos éramos negros e todos éramos pescadores e todos éramos do mar e todos éramos gente de Yemanjá. Porque todos transcendíamos naquela areia, e o tempo era curto, era rápido e os passos eram lentos, eram

---

<sup>1</sup> Arnaldo Rocha Filho é engenheiro de minas (Ufop), pós-graduado em Perícia, Auditoria e Gestão Ambiental (Ipog) e mestrando pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) em Ciências Ambientais

longos, e eu captava os momentos, sentia a areia, sentia a brisa, sentia nada, e o meu coração era o diafragma da máquina fotográfica, e nada de mau, nem de mal, poderia acontecer, porque todos éramos negros e todos éramos pescadores e todos éramos do mar e todos éramos gente de Yemanjá. Transcendíamos.

Odoyá! Caminhei pela areia entre risos e rezas, entre fotos e rostos, entre luzes e flores, entre o axé e o mar, entre Ynaê e eu, entre o céu azul da Bahia e a sublime africana alegria. Passei entre as tendas de terreiros até as escadas que davam na Casa de Yemanjá, entre filas e filas, e parei diante do peji de Janaína cheio de toda espécie de oferendas, entre lendas e rendas, entre o suor e o sonho, entre Aioká e eu, entre o amor e a proteção, Odoyá! Caminhei pela rua cheia, entre trajés e mantos, entre danças e cantos, entre todos os orixás que vinham saudar Yemanjá, Alodé! Vi a roda de gente no meio do mar, vi levantar a divindade no meio da roda de gente no meio do mar, senti a sublime africana alegria por ver levantar a divindade no meio da roda de gente no meio do mar, Alodé! Cruzei uma procissão puxada por uma negra bonita, como toda negra é bonita, equilibrando sobre a cabeça um colorido andor com a imagem de Yemanjá, e todos rezavam um canto com um andar de dança e uma iorubana graça, Odoyá! Quisera e quem dera rezar a reza e cantar o canto do iorubano encanto. Pressenti toda vitalidade do mundo na graça da negra bonita e lembrei da beleza do iorubano mistério, e vi levantar Dandalunda no meio da roda de gente no meio do mar no meio da manhã azul de Salvador, Alodé! Pedi a proteção do orixá e o amor da negra bonita naquela branca manhã de festa sob o céu azul da Bahia em frente ao mar azul de Salvador. Odoyá!

O céu entardeceu azul sobre o mar azul da Bahia. Caminhei pela orla, do Rio Vermelho a Ondina, envolto numa aura branca e azul de leveza e alegria. A orla estava colorida de paz e pessoas, e as nuvens negras iam longe, iam além do Rio Ògùn, além de Egbá, além da iorubana África. As nuvens negras levavam os atados nós, os ebós, os nossos males, além dos mares, para lá de Amaralina, Piatã e Itapuã, levando o que Yemanjá tirou de nós, atados nós. Parei no caminho, tomei uma água de coco e observei o mar azul de Salvador, e lembrei das nuvens negras que levaram nossos nós, atados nós, os ebós, todos os males para além dos mares, para além do Rio Ògùn da iorubana África. Cheguei no terreiro do babalorixá Ari de Oxalá, no mar de Ondina, e participei das homenagens à Yemanjá, da deposição da imagem no mar, das rezas, dos cantos, dos abraços, do culto dentro do terreiro; e



todos fomos abençoados, porque todos éramos negros e todos éramos pescadores e todos éramos do mar e todos éramos gente de Yemanjá. Odoyá!